

ÁLVARO BOMÍLCAR E A DEFESA DA LÍNGUA BRASILEIRA NO ALMANACK CORUMBAENSE

Eliane Santos paulino (UEMS)

eli14santos@hotmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

RESUMO

Em 1898, a “Terra Mattogrossense”, em particular, testemunhou a criação do *Almanack Corumbaense*. Dentre os colaboradores, destacou-se Álvaro Bomílcar, com cinco publicações, textos de gêneros distintos, mas com um mesmo aspecto: a linguagem simples que, em comparação a outras do citado *Almanack*, revela, em sua peculiar produção, uma língua mais brasileira. Para o autor, era preciso construir a nossa nacionalidade: “no Brasil, não se fala o português, fala-se o brasileiro, com sintaxe, prosódia, estilo e vocabulário brasileiros”. Com esse pensamento, Bomílcar destacou-se, posteriormente, a partir de 1919, por defender a língua falada no Brasil como patrimônio cultural. Sua contribuição está evidenciada em revistas como *Brasiléa* (1918-1919) e *Gil Blas* (1919-1923) – com forte nacionalismo antilusitano e meio de divulgação de movimentos nativistas: Propaganda Nativista (1919) e Ação Social Nacionalista (1920). Assim, analisar os pontos em que Bomílcar faz um prenúncio do português brasileiro no *Almanack Corumbaense* é destacá-lo, também, como representante da liberdade e renovação da linguagem do brasileiro e será atribuída ao *Almanack Corumbaense* sua importância como antecessor de todo esse processo protagonizado por Bomílcar.

Palavras-chave: Álvaro Bomílcar. Língua brasileira. Almanack Corumbaense.

1. Introdução

Utilizando como *corpus* o *Almanack Corumbaense*, pretende-se investigar – em fragmentos de um soneto –, à luz da historiografia linguística, a produção textual do jornalista Álvaro Bomílcar, por este se destacar no percurso histórico de movimentos linguísticos posteriores a 1898, em defesa de uma língua nacional. Cabe, portanto, evidenciar este estudo em duas visões: do espaço e da temporalidade, com enfoque documentarista que a proposta exige. Para tal intuito, as orientações de Koerner (1996) servirão como base metodológica, por se tratar de um período dito “científico”, conforme Bastos (2004, p. 19):

o período dito científico começa com a publicação em 1881 da gramática de Júlio Ribeiro, obra em que as explicações gramaticais são adequadas ao processo dos estudos da linguagem e se desvinculam da tradição gramatical de cunho purista.

Nesse sentido, estudar a linguagem de Bomfílcar requer relações extratextuais, pelo caráter especulativo que a análise exige. Em verdade, a proposta é um desafio no sentido de apresentar o autor ao universo da linguística sob nova perspectiva: destaque em um periódico anterior à sua evidência nas revistas fluminenses a partir de 1901.

2. *O Almanack Corumbaense*

Com edição do historiador e geógrafo Ricardo D'Elia e redação dos jornalistas Pedro Trouy e Álvaro Bomfílcar, ao estilo almanaque da época, o periódico apresenta propagandas, charadas, calendário, piadas, produções literárias, atividades econômicas e informações sobre a cidade.

O contexto é o município, então “Mattogrossense” de Corumbá, descrita no *Almanack* como “principal cidade de Matto-Grosso” e detentora de “excellente instituição instrutiva: o Gabinete de Leitura Corumbaense, onde se encontram innumerous tratados scientificos e grande subsidio literário” (p. XIV). A valorização da produção literária é anunciada também na “ligeira estatística”, com “3 typographies. Os autores da citada publicação esclarecem que foi uma “luminosa idéa de apresentar ao publico do Brazil, uma publicação de propaganda tão necessaria e tão util” (p. XV).

Sobre a influência do ambiente, Callou e Leite (2002, p. 12) esclarecem que a ideia de “unidade na diversidade e diversidade na unidade é o ponto central da questão sobre o português do Brasil”; com isso, destacar o município corumbaense, em seu domínio territorial e contexto sociocultural, é esclarecer como as dimensões geográficas surtiram efeito no plano linguístico a ser estudado, evidenciando suas marcas no *Almanack Corumbaense*.

Quanto à temporalidade, o ano é 1898, dezembro: sendo a publicação destinada ao ano seguinte: 1899. Conforme nota do editor, o periódico devia ter sido apresentado “há mais tempo”, dada a relevância da cidade à época mencionada. No Expediente, são relatadas as dificuldades para tal edição: “a exiguidade de tempo, a imperfeição das nossas officinas, ainda pequenas e sem apparatus precisos (...) primeira vez a braços com semelhante obra” (p. 99), o que evidencia o caráter inovador da publicação.

3. “Corpus”: Bomílcar no Almanack Corumbaense

O *Almanack Corumbaense* funcionará como um conjunto significativo documental de variantes linguísticas e servirá de base para o desenvolvimento da pesquisa. Dele, serão analisados fragmentos de dois textos destacados pela distinção de padrões da linguagem, na busca de indícios de uma língua brasileira em uma perspectiva diacrônica.

Para cumprir tal propósito, é essencial desenvolver uma análise (sintática e lexical) nos fragmentos de um soneto de Álvaro Bomílcar (*Amor Póstumo*, p. 16) e compará-los a fragmentos da publicação de seu contemporâneo, também do citado *Almanack*, a saber: Luiz Guimarães Júnior (*A Carta*, p. 21), com o mesmo gênero textual.

Vale destacar que, devido à complexidade do estudo, pela escassa literatura a respeito do autor em questão no referido período, as interpretações do processo linguístico iniciado por Álvaro Bomílcar no *Almanack Corumbaense* só terão validade se comparados a fragmentos de publicações posteriores do autor, nas quais haverá respaldo histórico para o estudo em questão. Sobre isso, destaca Mattos e Silva (2008, p. 10):

A linguística histórica no sentido estrito depende, diretamente, da filologia, uma vez que tem como base de análise inscrições, manuscritos e textos impressos no passado, que, recuperados pelo trabalho filológico, tornam-se os *corpora* indispensáveis a análises das mudanças linguísticas de longa duração.

No sentido de desenvolver tal proposta, faz-se necessário, ainda, utilizar-se dos três princípios da historiografia linguística estabelecidos por Koerner (1996): a contextualização (ênfase à temporalidade e às suas relações com o objeto de estudo), a imanência (explicação dos fatos linguísticos) e a adequação (confronto entre períodos).

4. Bomílcar: além do Almanack Corumbaense

De modo a justificar a posterior influência nativista de Bomílcar, fragmentos de sua obra “*O Preconceito de Raça no Brasil*” (1916) servirão de aporte.

Portanto, o *corpus* permitirá que, quer estudando sua documentação, quer comparando-o, cronologicamente, com outros *corpora*, fique clara a contribuição deixada por Bomílcar na “terra mattogrossense” de um nacionalismo já externada em suas publicações de importância para a historiografia linguística.

Ademais, relacionar os citados textos requer a utilização da gramática histórica, para tal propósito, Ribeiro (1881), responsável por uma das gramáticas usuais da época, servirá de base para contextualização da pesquisa, visto que “as explicações gramaticais são adequadas ao processo dos estudos da linguagem e se desvencilham da tradição gramatical de cunho purista”.

Outrossim, Já na década de 1820, como demonstra Pinto (1978), é possível assistir às primeiras manifestações sobre a natureza do português no Brasil, quando Domingos Borges de Barros, o Visconde de Pedra Branca, faz menção ao “idioma brasileiro” e aponta diferenças entre o português do Brasil e o português de Portugal.

5. Análise da linguagem de Bomílcar: prenúncios da defesa de uma língua brasileira

Analisar a linguagem em fragmentos textuais de Álvaro Bomílcar no *Almanack Corumbaense* é evidenciar um padrão distinto do usual da época e, ao mesmo tempo, inteirar-se de sua atuação como precursor de um movimento posterior de reivindicação nacional em defesa da linguagem própria.

Em *Amor Póstumo* (p. 16), soneto de Álvaro Bomílcar, identificam-se traços de uma linguagem próxima ao coloquialismo, tendência defendida posteriormente, a saber: “*Lhe* fallo de mais perto; já encostado” (v. 7). Tal construção sintática, em relação ao pronome *lhe* no início da frase, é negada por Ribeiro (1881, p. 247) em sua *Grammatica Portuguesa*, ao afirmar: “O pronome em relação objetiva nunca deve começar sentença. Seria incorreto dizer: Me querem lá; Te vejo sempre; Vos ofereço; *Lhe* digo; Nos parece; Vos oferece”.

Mais duas construções apresentam, segundo o gramático, distorções quanto ao uso do pronome: “Porém seu olhar *me* dizia” (v. 10) e “Quanto amor *me* votou sem ser amada” (v. 11); ao que Ribeiro (1881, p. 116) adverte: “Os pronomes substantivos, em suas formas *o, a, os, as, me, te, se, lhe, nos, vos, lhes* são denominados enclípticos, uma vez que sempre se acostam ao verbo, depois do qual vêm: *Viu-a; Dizem-me*”.

Contextualizando, percebe-se que no soneto *A Carta*, p. 21, Luiz Guimarães Júnior obedece a proposta de Ribeiro (1881) na sentença: “É um mimo ler-*te*”.

Ainda no plano sintático, vale destacar as construções diretas em Bomílcar: “Ella não me ouvia mais” (v. 6) e “Eu bebo aquelle olhar que me transporta”; ao passo que Guimarães Júnior, utiliza hipérbatos: “Da tua orthographia as incertezas (v. 3) e “Da tua penna valem as grandezas”; sentenças justificadas pelo contexto literário: Parnasianismo – recorrência ao requinte, na predominância do recurso estilístico hipérbato: representação indireta dos elementos discursivos, visando à pomposidade, ao enobrecimento da linguagem propriamente dita. Aspectos esses inexistentes na poética de Bomílcar, cuja ausência pode ser evidenciada em sua publicação posterior *O Preconceito de raça no Brasil* (1920, p. 87), na qual o autor crítica o culto exagerado à Portugal:

No Brasil rende-se um culto exagerado a Portugal. Que somos uma colônia de lusitanos, tudo está a indicar, desde a nossa prevenção contra os estrangeiros de outras origens, até a nossa intolerância e hostilidade aos próprios brasileiros que têm a infelicidade de descenderem mais proximamente dos negros e dos espoliados indígenas. Só se encontram surtos de progresso e reais manifestações de cultura nos quatro Estados do sul – precisamente naqueles em que a influência portuguesa é nula.

Outro fator linguístico relevante à análise é a diferença lexical. Em Bomílcar, o soneto é marcado pelo vocabulário simples, no uso da 3ª pessoa: “Ella” e expressão jocosa à mulher amada: “desgraçada” (v. 14). Guimarães Júnior, no entanto, utiliza uma interlocutora, valendo-se da função conativa da linguagem: “Tu é que és sabia, oh lyrial Maria” (v. 12), com evidentes traços de rebuscamento.

Sobre a própria linguagem, Bomílcar (1920, p. 19) explica para quem escreveu:

Escrevo pensando nos párias desclassificados nacionais, vadios e ociosos, ex-praças das corporações armadas, pescadores e pequenos diaristas rurais. Aqueles que estão fora do ambiente convencional e livresco dos gabinetes e academias.

Vale destacar, ainda, sua influência nativista descrita nos “mandamentos do Patriota Brasileiro”, divulgados pela Revista *Gil Blas* (1920), *apud* Oliveira (1990, p. 155) “Falar e escrever em língua brasileira, isto é, em português modificado pelos brasileirismos e locuções da numerosa população brasileira já incorporados ao nosso patriotismo linguístico”.

6. Conclusão

O estudo do *Almanack Corumbaense*, mais que seu caráter linguístico revela peculiaridades comuns à história que precisam ser desvendadas e a historiografia linguística atende a essa perspectiva. Já não é mais tempo, dado o processo tecnológico, de descobertas ficarem submetidas a pequenos contextos. É preciso que se propague que autores de renome, estudados nos “grandes centros culturais” contribuíram, de maneira significativa, em outros territórios e já validavam seus ideais.

Historicamente, há indícios de nossa identidade linguística atrelada a circunstâncias socioculturais e esses olhares precisam ser dissipados. Daí o destaque ao *Almanack Corumbaense* por tal enfoque. Por isso, estudar o corpus em seu processo linguístico, é inspirar estudos no sentido de ampliar a visão do século XIX, como momento de construção histórica e precursor de uma identidade linguística até então pouco exaltada pela falta de evidência no cenário nacional.

Assim, estudar a participação de Bomilcar sem o apego à gramática normativa é encontrar muitas formas de refletir sobre o português brasileiro. É uma oportunidade para inteirar-se de um processo de formação da língua em contexto, até então pouco evidenciado, por fim, é participar de uma descoberta, de cunho histórico, que gerará expressiva contribuição à sociolinguística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMANACK *Corumbaense*. Corumba, MT: Typ. Italiana, 1898.

BASTOS, Neusa Maria Oliveira Barbosa; PALMA, Dieli Vesaro. (Orgs.). *História entrelaçada 3: a construção de gramáticas e o ensino de língua portuguesa na segunda metade do século XX*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BOMILCAR, Alvaro. *A política no Brasil ou o nacionalismo radical*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro & Maurillo, 1920.

KOERNER, Konrad. Questões que persistem em historiografia linguística. *Revista da ANPOLL*, n. 2, 1996.

OLIVEIRA, Lúci Lippi. *A questão nacional na primeira república*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

PINTO, E. p. *O português no Brasil: textos críticos e teóricos*. São Pau-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

lo: Edusp, 1978.

RIBEIRO, Júlio. *Grammatica portugueza*. São Paulo: Jorge Seckler, 1881.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Caminhos da linguística histórica: ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola, 2008.